

Apresentação

Todos os mundos possíveis

Iara Cerqueira Linhares de Albuquerque¹ João Rosa dos Santos Junior² Ricardo Martins Valle^{3*} ^{1 e 3} Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – Brasil² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IFBAIANO) – Brasil*Correspondência: ricardomartins.valle@uesb.edu.br**Em nome de uma editoria ativa**

No tempo do papel impresso, era comum se dizer que as revistas se leem pelo fim. Sabendo disso, a editoria reservava as páginas finais aos gêneros e formatos mais leves ou breves, a serem lidos primeiro. Ali ficavam as crônicas, as resenhas, as traduções, em alguns casos as entrevistas, homenagens e até as notícias de defesa e falecimento. A tendência a ser folheada de trás para diante se juntava à de adiar o trabalho mais árduo. Assim, só depois de percorrido todo o volume, chegava-se à leitura das seções de artigos e ensaios mais densos. Acadêmicas ou não, era nas revistas que buscávamos saber "o que se passa". Era pelos sumários de periódicos como a *Revista do Livro*, a do Instituto Histórico, a *Revista de Estudos Avançados*, a *Novos Estudos do Cebrap* ou a *Discurso* que "zapeávamos" o que estava sendo discutido nas "Ciências Humanas" no Brasil.

O tempo das revistas de papel passou. Hoje, revistas são lidas digitalmente, muitas vezes sem que sequer se olhe o sumário, porque chegamos aos textos por uma operação de busca digital. "Caímos" diretamente nos textos que nos interessam pelos links das referências bibliográficas de outros. As revistas se multiplicaram e sua produção se descentralizou. Com a digitalização das revistas, o conhecimento atualizado chega "mais longe" e, mais importante, vem de "mais longe": centros de pesquisa de todo o país publicam trabalhos em revistas produzidas por centros de pesquisa de todo o país. E cada vez mais essas trocas são com o mundo todo.

Os ganhos são enormes e indiscutíveis. Ganha-se em eficácia e diversidade, mas alguma coisa pode se perder no percurso. Não se trata de nostalgia, porque a nostalgia amolece o entendimento e a pegada crítica. O que queremos é tensionar as contradições e reforçar as convergências, seja como pesquisadores da linguagem, da literatura, das artes, da educação, seja como editores de um periódico que se pensa a si mesmo e a sua própria identidade.

A preocupação editorial da **fólio** tem sido resistir a se deixar reduzir a uma plataforma de publicação digital descontextualizada. O Editorial deve assumir seu lugar de visão do todo, de delineamento da identidade da publicação. E, embora seja verdade que querer redespertar hábitos antigos para os novos suportes de publicação pareça uma intenção

ingênua, que pode legitimamente cair na suspeita de mera nostalgia, fazemos comunicação entre gerações. Por isso, precisamos lembrar que a melhor pesquisa em humanidades é aquela que acompanha os movimentos gerais da área para situar seu ofício no específico de seus temas, abordagens e objetos. Pensando letramentos para a era digital, não se deveria considerar irrisório o esforço crítico de formar pesquisadores que se eduquem em frequentar os periódicos de seu interesse, em "zapear" os sumários dos lançamentos recentes, em visitar o sumário antigo do artigo em que "caiu de paraquedas" por meio do link de uma referência ou de uma busca. Bons sumários, afinal, guardam surpresas que podem ampliar horizontes e aprofundar perspectivas.

Um sumário não é, ou não deveria ser, uma reunião aleatória em ordem cronológica de submissão, ou ordem alfabética de sobrenome do primeiro autor. Uma editoria ativa deve exercer curadoria, ou seja, zelar tanto pela boa qualidade dos textos que publica, quanto por reconhecer as afinidades que podem levar o leitor de um texto a outros. Assim, na **fólio**, toda contiguidade na disposição dos artigos tem a intenção humana, não algorítmica, de conduzir leitores que se orientam pelo sumário a encontrar mais de um objeto de interesse.

É pela mesma natureza de decisão editorial que temos mantido, modificado e até criado seções internas que separam e que reúnem conjuntos de textos pelo tema, pela subárea, pelo gênero de produção. São escolhas que pretendem reafirmar o caráter humano do território com o qual trabalhamos. Por isso, quisemos começar evidenciando o trabalho editorial de construção do volume, sublinhando as afinidades e justapondo como numa prateleira textos que dialogam entre si.

Dos volumes anteriores já trazíamos a felicidade de observar tantas confluências encontrando-se nas páginas da **fólio**. Não queremos que passem despercebidas todas as confinidades temáticas, todas as imprevistas colaborações que aproximam textos e contextos nestas quatro ou cinco prateleiras, que são as seções internas de cada número. As sincronias e convergências, porém, não são obra do acaso: são efeitos da história mesma desta publicação. Sua identidade foi construída ao longo de quase duas décadas por um departamento de letras – o Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL-UESB) – e por um programa de pós-graduação que se define pela transversalidade, o Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPGCEL-UESB). Como agências da educação superior no país, Departamento, Programa e revista têm um engajamento militante em causas reconhecidas e que, por isso mesmo, têm constituído um acervo marcado pela diversidade e inclusão, além da competência técnica e do cuidado editorial.

Como se folheando uma revista de papel, nesta apresentação, percorreremos o sumário do fim para o início, começando pelos textos que se encontram no fim da barra de rolagem. De contiguidade em confinidade, começaremos pelo ensaio sobre narrativa curta de Lauro Zavala, traduzido por Altamir Botoso, que é uma prova do provérbio latino *finis coronat opus*, para chegarmos aos artigos selecionados para a chamada temática "Literatura, arte, discurso: narrativas em alteridade" e ao ensaio fotográfico de Micael Aquillah, na seção **práticas de invenção**, que celebra a posse definitiva do povo Tupinambá sobre seu território ancestral.

Não se trata de uma simples enumeração, mas de um percurso pensado, uma reunião por escolha, não por justaposição.

Em defesa da tradução na difusão de repertórios

No início de 2025, o site da **fólio** passou por uma renovação completa, sendo traduzido para quatro línguas: português, inglês, espanhol e francês. Das instruções aos autores aos protocolos de preservação digital, tudo foi revisto e adequado às melhores práticas nacionais e internacionais.

Mas por que essas quatro línguas? Das opções que tínhamos - as únicas disponíveis na plataforma OJS, além do italiano - a escolha desses quatro idiomas foi política e epistêmica. Elas foram as principais línguas do colonialismo, e por isso moldaram o mundo contemporâneo. Com todas as violações que essa herança carrega, elas franqueiam comunicação entre todos os continentes, alcançando toda a América, quase todas as nações africanas e vastas regiões da Ásia e Oceania. Com elas, podemos dialogar com quase todo o mundo sem que uma língua única imponha sua centralidade, e sem que a península-berço dessas línguas seja o mediador privilegiado do conhecimento que produzimos. A forma como se fomenta a internacionalização também pode ser uma decisão ético-política.

Por outro lado, alguns sistemas de avaliação acadêmica desrecomendam hoje a publicação de trabalhos traduzidos em periódicos, devido a práticas predatórias de inflação curricular ou autoplágio disfarçado de internacionalização. Mantemos, no entanto, a seção **repertórios em tradução**, confiando no papel que a tradução qualificada desempenha ao trazer aos leitores de língua portuguesa repertórios que desejamos ver circular em nosso território linguístico. Para evitar a mera replicação, as traduções da seção passam a ser precedidas por uma resenha crítica de apresentação, garantindo que representem contribuições efetivas para a área.

Dito isso, reafirmando a convicção de que numa revista de letras há de haver espaço para o ofício do tradutor, a seção **repertórios em tradução** traz ao leitor de língua portuguesa uma tradução do ensaio "Breve história da teoria do conto", de autoria do professor mexicano Lauro Zavala, acompanhada de uma apresentação de Altamir Botoso. Professor emérito da Universidad Autónoma Metropolitana (UAM), Zavala é membro da Academia Mexicana de Ciencias e da Academia Norte-Americana da Língua Espanhola. Doutor em Literatura Hispânica por El Colegio de México, com dezenas de livros publicados sobre teoria da narrativa no cinema e na literatura, suas obras foram traduzidas para doze idiomas e citadas em mais de 3 mil ensaios acadêmicos em 24 países. O ensaio que publicamos – originalmente concebido como uma cartografia das poéticas do conto – foi vertido para o português pelo professor Botoso (UFMS), doutor em Letras pela UNESP e tradutor de vasta experiência em literatura hispânica. Ao final de seu ensaio, Zavala inventaria 150 títulos, classificados por tipo de trabalho e ordenados cronologicamente.

Nesta era do audiovisual, seu trabalho mostra que, por mais contraintuitivo que pareça, nunca a literatura foi tão necessária no campo das artes de invenção. Em face da riqueza e da miséria narrativa que ocupam as plataformas de *streaming*, sua pesquisa mostra como os estudos literários podem assumir seu lugar no debate sobre as possibilidades e técnicas de narração nos campos interartes e intermídias. A tradução de Altamir Botoso do trabalho de Lauro Zavala inscreve a **fólio** na rota dos estudos internacionais sobre a narrativa breve e reafirma a potência do tradutor como ponte entre mundos.

Seções permanentes: resenhas, nascentes, vertentes e interfaces

Neste número, a **seção de resenhas** reúne três trabalhos que refletem a diversidade e atualidade dos estudos na área.

O primeiro, sobre a obra *Ações letradas como construção social*, de Girlane Maria Ferreira Florindo, articula Análise de Discurso Crítica, Teoria Social do Letramento e Modelo Social de Deficiência para pensar a biblioteca como espaço de protagonismo e de ações identitárias de pessoas com deficiência visual. A resenha de João Marcos Messias Miranda reafirma o compromisso da **fólio** com a inclusão de todas as vozes historicamente marginalizadas.

A resenha dedicada ao livro *Metacognition in language teaching*, de Mark Feng Teng, apresenta ao professor de línguas um repertório de estratégias metacognitivas voltadas à autonomia discente e ao manejo consciente dos processos cognitivos em sala de aula, numa perspectiva que dialoga com as preocupações contemporâneas de formação crítica e aprendizagem autorregulada. A resenha de Fábio Luiz Nunes, apresentando o trabalho ainda em inglês de Teng, convoca o ofício do tradutor para franquear uma ferramenta necessária ao profissional brasileiro.

Finalmente, a resenha de Sandro Adriano da Silva e Wilma dos Santos Coqueiro apresenta a *História da literatura brasileira contemporânea - a narrativa*, de Regina Dalcastagnè, demonstrando o vigor do trabalho historiográfico e crítico nos estudos de literatura, capaz de interrogar tanto as obras, quanto os critérios pelos quais se lhes atribui centralidade e permanência. No último volume da **fólio**, Livia Penedo Jacob e Roberto Acízelo de Souza provocavam o debate sobre o (im)provável fim do gênero historiográfico no artigo "História da Literatura Brasileira: do princípio ao precipício" (Jacob; Souza, 2025) e a resenha sobre o livro de Dalcastagnè apresenta uma resposta positiva àquela provocação, assim como também a tradução do trabalho de Zavala, que ainda que não seja uma história literária é uma história da teoria da narrativa.

Em conjunto, as três resenhas cobrem subáreas significativas do nosso campo – estudos da linguagem, multiletramentos, multilinguismo e crítica literária – e apresentam uma qualidade de produção de conhecimento situada e inclusiva.

A seção **nascentes** reúne trabalhos de pesquisadores em início de trajetória, abrangendo linguística, estudos literários, ensino e inclusão. É destas opções que, a muitos juízos, a **fólio** decididamente faz "contra si mesma". *Et tamen sic facimus*.

No primeiro artigo, sobre interação argumentativa na plataforma Reddit, a jovem pesquisadora Maiuri Luz da Costa, da UNESCO, com a orientação e supervisão de Bougleux Bomjardim Carmo e Bruno de Azevedo Guimarães, que consignam o trabalho, demonstra como a argumentação em ambientes digitais exige justificativas mútuas e sustentação lógica, e como o anonimato e a estrutura de réplicas da plataforma impõem a necessidade de um letramento digital crítico.

No artigo sobre a tradução brasileira de *Elatsoe*, de Darcie Little Badger, Jéssica Nóbrega do Nascimento e o professor Lauro Maia Amorim, da UNESP, investigam como uma autora indígena Lipan Apache preserva sua subjetividade ao escrever na língua do colonizador, e como a tradução brasileira negocia com essa tensão, entendendo a literatura e a tradução como zonas de contato e a decolonialidade como campo de disputa.

"A velhice como experiência da liberdade", de Gabriela da Silva Oliveira e Cristina

Mascarenhas Silva, da Federal do Mato Grosso do Sul, analisa os contos "Feliz Aniversário", de Clarice Lispector, e "A Presença", de Lygia Fagundes Telles. Desnaturalizando o ideal materno e dando voz (ou ouvidos) às mulheres que reinventam o amor nas margens da norma, o artigo "Entre o afeto e a falta", de autoria de Jean Marcelo dos Santos Silva e da professora Adriana Maria de Abreu Barbosa, da UESB, aborda as ambivalências da maternidade sobre narrativas reunidas no livro *dissolúveis*, de Vanessa Gonçalves.

Por fim, cruzando literatura indígena e literatura surda, "Sol, a Pajé surda" faz lembrar que a visualidade é também território de resistência e memória. Neste trabalho, o doutorando Luan V. Ramos de Aquino, da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), analisa a obra de Ivan Souza, mostrando como a linguagem dos quadrinhos pode (co)rresponder às especificidades da comunidade surda, representando línguas de sinais e aspectos da cultura surda.

A seção demonstra que jovens pesquisadores podem dialogar com grandes questões de nosso tempo – decolonialidade, feminismo, envelhecimento, inclusão, letramentos digitais –, renovando e trazendo para o centro da cena vozes e perspectivas que a tradição acadêmica muitas vezes deixou à margem.

A seção **vertentes: estudos linguísticos e aplicados** reúne quatro trabalhos. São poucos mas muito. Em suas diferentes abordagens, interrogam de forma muito significativa as relações entre linguagem, poder e subjetividade no mundo contemporâneo. O primeiro deles, "Regimes discursivos de denúncia do racismo algorítmico", de Júlio Araújo e Carolina Sales, examina como duas iniciativas – uma estadunidense e outra brasileira – constroem discursivamente a denúncia do racismo algorítmico. Ao articular autores do pensamento africano e decolonial (Mbembe, Mudimbe, Ndlovu-Gatsheni), o trabalho mostra que ciência, ativismo e justiça social se combinam de maneiras distintas conforme o contexto, produzindo horizontes diferentes de transformação da inteligência artificial. Numa outra abordagem de um tema repleto de confinidades com o anterior, "Discurso midiático e marginalização da população negra" investiga como a suspeição sobre a pessoa negra é produzida discursivamente pela mídia. À luz da abordagem de Maingueneau, numa análise enunciativa de uma notícia da *Folha de S. Paulo*, o estudo de Fábio Coqueri, em estágio pós-doutoral na PUC-SP, revela que, sob a imputada neutralidade jornalística, o texto midiático reproduz hierarquias raciais, atenua a violência e se alinha aos interesses hegemônicos.

Na sequência, dois trabalhos em linguística aplicada, abordam precarização do trabalho em dois setores do profissional de letras. Em "Resistência docente em tempos de platformização da educação básica", José Isavam Oliveira Silva da PUC-SP e Danie Marcelo de Jesus, da UFMT, analisam como sindicatos de professores têm construído discursivamente a resistência à imposição tecnológica nas escolas. Os tecnodiscursos sindicais analisados denunciam adoecimento, sobrecarga e perda de autonomia, ao mesmo tempo que articulam estratégias de legitimação e deslegitimação para defender sentidos ético-pedagógicos alternativos. Com uma provocação de saída, "Empreendedorismo de si ou autogestão subordinada?" questiona a ideologia (neo)liberal – esse agente secreto que liga este ao trabalho anterior – atravessa a revisão de textos, um ofício historicamente feminino. O artigo de Karen Correia, professora do CEFET-MG, examina sobretudo como revisoras têm se posicionado diante das mudanças que o neoliberalismo tem implementado, revelando que, mesmo numa atividade marcada pela precarização, há resistência, ainda que fragmentada, à lógica do

"empreendedor de si".

Os quatro artigos nos mostram que os estudos linguísticos e aplicados, a partir da análise formal e da descrição de procedimentos enunciativos e discursivos, contribuem politicamente com questões urgentes do nosso tempo: do racismo algorítmico à precarização do trabalho, da violência midiática à plataformização da educação. Uma ciência da linguagem é ao fim e ao cabo uma prática de intervenção no mundo.

A seção **interfaces: estudos de teoria e literatura** reúne sete artigos sobre as relações entre literatura, corpo, poder e memória, a partir de perspectivas que vão da crítica do cânone à ecocrítica, da psicanálise à teoria decolonial.

O artigo de Renato Peruzzo sobre *Lucíola*, de Alencar, revisita criticamente o cânone, analisando a construção de Lúcia entre a devassidão e a santidade num movimento que expõe contradições sociais do século XIX. A rigidez das normas que confinavam a mulher ao espaço doméstico e à dependência masculina revela que o romance, ao condenar Lúcia à morte como purificação moral, acaba por reforçar a supremacia masculina que aparentemente questionava. Já "O silêncio e a caricatura", de Elder Bruno F. Pereira e Marcello Moreira, do Mestrado em Memória, Linguagem e Sociedade da UESB, reconstitui a reação da crítica literária brasileira ao romance de Lima Barreto. Percorrendo a recepção dos romances de Lima Barreto nos jornais e revistas de 1907 a 1952, o estudo demonstra como o silenciamento e a desqualificação operaram na resposta à narrativa contra-hegemônica de Lima Barreto, numa contribuição fundamental para os estudos do cânone, da recepção e das relações entre literatura, raça e poder no Brasil.

Dois artigos sobre Clarice Lispector confirmam a persistência incontornável desse gigante da literatura brasileira e mundial. Um ensaio sobre as plantas em *Perto do coração selvagem*, escrito por Fabrício Lemos da Costa, doutor pela UFPA e professor da educação básica no Amapá, chama atenção para o imaginário botânico na obra de Clarice, mostrando que as plantas não são ali apenas componentes do cenário, mas operadores de sentido. A contribuição se insere no que a crítica contemporânea tem chamado de *virada vegetal*, recolocando a natureza no centro da experiência estética e existencial. O ensaio de Maura Voltarelli, em estágio pós-doutoral no IEL-UNICAMP, sobre o corpo histérico nos leva da Salpêtrière do século XIX à prosa visceral de Clarice, mostrando como a histeria, para além de um diagnóstico clínico ultrapassado, pode ser uma chave de leitura para a compreensão da desestabilização do corpo e da linguagem em sua obra. Ao articular Freud, Charcot e a crítica contemporânea, o estudo revela que as personagens clariceanas, selvagens e inacabadas, encarnam uma "fascinação feminina" que é também uma convulsão da linguagem – um gesto de tocar a morte para intensificar a vida. Um ensaio que nos lembra que a literatura, como o corpo histérico, é um território de metamorfose perpétua.

Antes destes dois, um artigo sobre Rimbaud vai do *Inferno* às *Iluminações*, da descida ao submundo à experiência do sonho e do gênio. Doutorando em estudos literários pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Gabriel Alves Fernandes articula teoria da vidência com análises preciosas da *Saison* e das *Illuminations*, de Rimbaud, mostrando como a poesia do *enfant terrible*, vidente e maldito, se propunha como um exercício de autoconhecimento e renovação da linguagem, numa aposta na arte como acesso ao desconhecido.

Os dois últimos artigos da seção nos trazem de volta ao Brasil, sobre temas e

problemas contemporâneos que atravessam todo o número. Uma leitura do conto "O campeonato", de Rubem Fonseca, analisa como, o universo da formação masculina submete o desejo a um regime técnico de mensuração, no qual a sexualidade se torna desempenho e o corpo, um suporte normativo. Ao mobilizar a crítica da razão técnica e a biopolítica, o estudo de Evandro Carlos Salerno (UFMS) e Luciano Rodrigues Santos (UFG) demonstra por que maneira a narrativa de Rubem Fonseca expõe a colonização da subjetividade por operações de cálculo e arquivamento, de modo que aquilo que não se pode medir tende a desaparecer.

Finalmente, o artigo "Narrativas de arte pública na Amazônia", de Tatiana Fabem, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, e José Rosa dos Santos Júnior, do Instituto Federal de Educação Tecnológica Baiano, nos coloca diante de uma questão urgente: como a arte visual e a literatura contemporâneas podem ser voz de falas subalternas que se contrapõem à necropolítica do Estado? Ao analisar *Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum, e o *Monumento das Castanheiras Mortas*, erguido no local do massacre de Eldorado dos Carajás, o estudo revela que a arte pública e a narrativa literária podem atuar como formas de resistência e de memória pós-colonial.

Os sete artigos da seção **interfaces** nos mostram que a literatura e a crítica literária estão atentas às questões mais urgentes do nosso tempo: o cânone e seus silêncios, o corpo e suas metamorfoses, a natureza e sua agência, a violência do Estado e a resistência das vozes subalternas.

Arte, literatura, discurso: narrativas em alteridade

A seção **DOSSIÊ** que neste número apresentamos, e que é o coração desta edição, nasce de uma pergunta que, ao longo dos meses de preparação deste volume, mostrou-se cada vez mais pertinente: o que pode a arte – em suas múltiplas formas e suportes – quando confrontada com as estruturas que marginalizam, silenciam e apagam sujeitos e territórios? Os casos chocantes de feminicídio e de violência contra a mulher, o estado permanente de ameaça sobre territórios indígenas e quilombolas, o silenciamento e o apagamento de falas e olhares das periferias urbanas e simbólicas do mundo ordinário hegemônico normativo, além de tantas outras manifestações do domínio patriarcal e da persistência colonial que movimentaram os noticiários, mostraram mais do que a pertinência mas a urgência dessa interrogação.

Organizada por Iara Cerqueira L. Albuquerque e João Rosa dos Santos Júnior, que também assinam este Editorial, a chamada temática que deu origem ao conjunto de textos reunidos no **DOSSIÊ** convocou pesquisadores, artistas e educadores a reunirem produções que abordassem narrativas emergentes da diferença – fossem elas de natureza estética, política, epistêmica ou existencial. A resposta veio em forma de um arquivo vivo: artigos, ensaios, análises e reflexões que exploram a arte e a literatura como práticas ativas de reexistência, capazes de tensionar discursos hegemônicos e abrir espaços para outras formas de conhecimento e de vida. Os eixos propostos – das narrativas dissidentes às epistemologias do Sul, das pedagogias da escuta às poéticas visuais e escritas marginais – encontraram acolhida em textos que, cada um a seu modo, interrogam as relações entre linguagem, corpo, memória, educação e política. O que reúne esse amplo leque de trabalhos, para além da diversidade de objetos e abordagens, é uma aposta comum: a de que a arte não é um ornamento do mundo, mas uma força que o interpela, o desloca e o reinventa. É essa força que atravessa os 19 artigos que compõem o **DOSSIÊ**.

Os trabalhos aqui publicados evidenciam a potência da arte e da literatura como campos de produção de conhecimento, criação estética e intervenção crítica, em pesquisas que dialogam com diferentes perspectivas teóricas, metodológicas e poéticas, tomando a alteridade como princípio para refletir sobre experiências, narrativas e práticas que tensionam discursos hegemônicos. Ao reunir vozes, contextos e abordagens diversos, este volume reafirma o compromisso com uma produção acadêmica sensível à pluralidade de saberes, memórias e modos de existência. O conjunto dos artigos demonstra que as narrativas em alteridade abrem espaços de resistência, criação e transformação, fazendo refletir sobre os desafios contemporâneos da cultura, da educação e da produção do conhecimento, sobre o papel da arte e da literatura na construção de horizontes mais democráticos, inclusivos e socialmente comprometidos.

Abrimos o DOSSIÊ com o artigo "Nós mulheres infinitas: literatura indígena e ancestralidade macuxi na poesia de Sony Ferseck", em que três mulheres pesquisadoras da Universidade Federal do Amazonas - Priscila Vasques Castro Dantas, Anne Caroline Casas Barreto e Nara Neiva Araújo Costa de Sousa - nos introduzem a uma poesia em que o "eu" não se dissocia do "nós", em que a voz lírica está fincada na ancestralidade feminina e na coletividade do povo Macuxi. Poesia brasileira do século XXI, a escrita de Sony Ferseck reivindica o lugar de enunciação da mulher indígena como forma de resistência e reinvenção da subjetividade.

A trajetória prepara e propicia os encontros felizes com que temas convergem nestas páginas: dois anos atrás neste mesmo Editorial, tratávamos da potência da mulher indígena para a nova era: desde a invenção pseudo-histórica de Paraguaçu e Pocahontas de todas as Américas até o protagonismo de mulheres-educação indígena, como Catherine Sutton (1824-1865), no Canadá, e Eliane Potiguará (1950), no Brasil. Diante das perplexidades causadas pelos regimes coloniais de opressão e supressão de corpos e territórios, asseverávamos: "A mulher indígena, na força de seu duplo *devenir*, tem a resposta" (Lima; Valle, 2024). Hoje temos a alegria de abrir a seção de artigos com a resposta desse eu coletivo que fala em nome do território e da ancestralidade.

Da poesia indígena de Sony Ferseck, que reivindica o "eu-nós" como gesto de resistência, passamos à prosa ensaística de Camila Sosa Villada, cuja "trans-escrita de si" faz da autobiografia um campo de subversão e dissidência. Ao analisar *A viagem inútil*, Fatianny Didier Sampaio Monteiro e José Humberto Rodrigues dos Anjos, da Estadual e da Federal de Goiás, mostram como a escrita travesti, ao tensionar normas discursivas e sociais, afirma corpos dissidentes como sujeitos de enunciação e agência.

O artigo sobre Camila Sosa Villada não chega à **fólio** por acaso. Ele encontra um solo preparado: em volume anterior, publicamos um estudo extraordinário sobre *Neca*, de Amara Moira, um monólogo escrito inteiramente em pajubá, a tecnologia linguística criada por travestis para (re)existir nas ruas, esquinas e palcos da vida (Barboza; Lima; Pereira, 2024). Se ali a voz se fazia carne, gesto, performance vocal, aqui ela se faz letra, autobiografia, escrita. Amara Moira encarna a puta-travesti no palco; Camila Sosa Villada inscreve a travesti na página. São duas faces de um mesmo movimento: a recusa de ser objeto e a afirmação de ser sujeito – na língua, no corpo, na arte.

Na sequência, dois artigos sobre dança e corpo também nos fazem pensar gêneros e fronteiras. Numa colaboração entre três professores doutores da área de dança e audiovisual, com formações profundamente transdisciplinares, Carlos Eduardo Guimarães e Alessandra Souza Melett Brum, da Universidade Federal de Juiz de Fora, e Andrea Bergallo Snizek, da Universidade Federal de Viçosa, com passagens por diversas

instituições do país e do mundo, o artigo "Pra tirar você da chuva: dança e audiovisual para além das fronteiras convencionais" trata a videodança como linguagem híbrida em que o corpo dialoga com a câmera, borrando as fronteiras entre a dança e a filmagem. Em "Os corpos na dança de salão" Jonas Karlos Feitoza, da Universidade Federal de Sergipe, propõe a *cocondução* como ferramenta pedagógica na dança. Implementada como um gesto político de desierarquização dos corpos na dança a dois, a *cocondução* substitui o componente patriarcal do par condutor-conduzida por uma forma dialógica fundamentada na escuta mútua, atenta aos sinais da alteridade.

Compartilha a confinidade nesta prateleira da revista o artigo "Dramaturgias da precariedade e a biopotência *cūier*", de Aroldo Santos Fernandes Júnior, da UESB, e Antonia Pereira Bezerra, da UFBA, professores de dança e artes cênicas. Com uma trajetória formativa e artística transversal, internacional e socialmente engajada, neste artigo confrontam a necropolítica algorítmica em plataformas digitais, onde corpos periféricos transformam em biopotência a invisibilidade operada por algoritmos – uma estratégia de sobrevivência e resistência que desafia a lógica do capitalismo digital e propõe uma pedagogia da (re)existência.

Continuação natural de um mesmo projeto crítico, a **fólio** vinha preparando terreno para este número. Em 2024, publicamos "Queerificando a natureza: entre *Frankenstein* e *Frankissstein*", de Tatiana Massuno, da UFRRJ, que agora se torna conselheira da revista. Naquele artigo, Massuno desestabilizava o conceito de natureza a partir de uma leitura ecológica *queer* de Mary Shelley e Jeanette Winterson, mostrando que os binarismos que informam o pensamento científico ocidental – natural/anti-natural, humano/não-humano – são, antes de tudo, linhas de poder (Massuno, 2024). Em "Dramaturgias da precariedade e a biopotência *cūier*", a crítica se desloca da natureza para a vida, para a *biopotência* que emerge quando corpos dissidentes transformam a escassez material e a invisibilidade digital em estratégias de (re)existência. Se Massuno *queerificava* a natureza para mostrar que o "natural" é uma construção normativa, o artigo sobre dramaturgias da precariedade *cūierifica* a própria noção de vida, mostrando que ela não é dada, mas produzida – e que corpos marginalizados podem, a partir de sua precariedade, inventar modos de vida que escapam à necropolítica algorítmica. São dois momentos de um mesmo movimento: em ambos os casos a recusa de aceitar o mundo como ele se apresenta e a aposta na potência transformadora da arte e da linguagem.

Em "A literatura menor de Cassandra Rios em *Eu sou uma lésbica*", Marcus Antônio Assis Lima e Gabriela Souza Silva nos apresentam a um grande "clássico maldito", um livro pioneiro no Brasil dentro da temática LGBTQIAPN+, numa escrita que desterritorializa a língua, politiza o enunciado e afirma a coletividade do discurso, inscrevendo a lesbianidade como território de transgressão e afirmação identitária. Outro gesto de reinscrição subjetiva que irrompe contra as representações patologizantes persistentemente atribuídas à experiência homossexual feminina. Falam aí mulheres infinitas, como falam também nos artigos que se seguem.

"No quadrado de Joana", Elaine Andreatta e Thaynara Vitória Vidala, da Universidade do Estado do Amazonas, analisa a construção do sujeito enunciativo autoficcional na narrativa de Maura Lopes Cançado. Num trabalho sobre loucura, biografia e autoficção, a escrita de si se percebe numa dupla margem: o confinamento psiquiátrico e a condição de mulher em uma sociedade que patologiza tudo o que escapa à norma. A autoficção torna-se espaço de reinscrição subjetiva, entrelaçando

loucura e criação literária. Fala o feminino também no artigo de Jenifer Ianof de la Fuente sobre Silvia Ocampo (1903-1993) em "Infamiliar, gozo lacaniano e máscaras sociais". O vestido de veludo, operador do insólito e metáfora do falo, é objeto de desejo que ao mesmo tempo seduz, interdita e aniquila. A escritora argentina traz a violência simbólica exercida sobre as mulheres pelos ideais de beleza, pureza e juventude, determinados pela ordem patriarcal.

Na leitura do grande clássico de Federico García Lorca, o debate sobre gênero, corpo, liberdade e diversidade desloca-se para a primeira metade do século XX. Em plena ascensão do fascismo espanhol, um autor perseguido por sua subjetividade dissidente põe em cena o autoritarismo patriarcal encarnado por uma matriarca autoritária. No artigo "*La casa de Bernada Alba*, de Federico García Lorca: silenciamento y censura en el teatro", José Francisco da Silva Filho, da UNEB, reconstrói o contexto do teatro de vanguarda como espaço de confronto com o poder do Estado. Escrita em 1936, a peça, que só estrearia na Espanha décadas depois, é lida como voz de resistência: o confinamento das mulheres na casa, alegoria da Espanha sob a ditadura, revela a violência de um regime que silenciou vozes e corpos dissidentes, inclusive o de seu próprio autor, executado por milicianos falangistas sob acusações de "homossexualismo" e "socialismo". Seu corpo jamais foi encontrado, e seu nome, por décadas, foi apagado dos registros oficiais. O regime de Franco duraria 36 anos. Sobreviveu à Segunda Guerra, à Guerra Fria, à queda de Salazar em Portugal, e só terminou em 1975, com a morte do ditador.

Também no contexto das vanguardas do século XX, um olhar colombiano sobre a pintura modernista brasileira amplia o espectro geográfico e temporal do **DOSSIÊ** ao trazer a pintura modernista brasileira como campo de crítica estética ao discurso de Modernidade econômica e social do país. A partir de aportes da teoria crítica, em "A politização da estética em Emiliano Di Cavalcanti", Johan Nicolás Anzola Moreno, da Universidad Santo Tomás, de Villavicencio, Colômbia, expõe as tensões entre tradição e mudança, entre o que deve ser visibilizado e o que deve ser apagado na perspectiva de um projeto nacional modernizador que intenta apagar as marcas deixadas por séculos de escravidão.

Em "Os tons da memória", Dirceu Arno Krüger Júnior, da UFPel, lê a literatura de Annie Ernaux como uma escrita arquivística: é mais do que um registro, é um atestado da verdade autobiográfica; e a memória não é um tema entre outros, mas o princípio formal que organiza o estilo e confere à prosa de Ernaux sua qualidade documental e poética.

No número anterior, um artigo se dedicava à escrita de Anaïs Nin, que se constrói como um jogo de máscaras, uma autoficção em que o eu se desdobra em múltiplas vozes, e a verdade se revela justamente na ficção (Souto; Albuquerque, 2025). Neste número, o artigo sobre Annie Ernaux nos apresenta uma outra escrita de si, ancorada num registro diverso: o da fotografia como atestado de verdade, o da memória como arquivo do que o tempo dispersa. Se Nin fabula para inventar a si mesma, Ernaux documenta para não desaparecer. Ambas, porém, escrevem a partir do próprio corpo, da experiência íntima e da recusa das normas que confinam as mulheres no silêncio. Ambas ensinam que a literatura – ficcional, documental ou híbrida – é um espaço de reinvenção e reinscrição da subjetividade.

A fotografia em Ernaux é um ato de olhar, um olhar duplo, do passado no presente e do presente no passado; um ato de olhar para ver o que o tempo dispersa e que a memória procura reter. É também o olhar, atento ao que se desfaz e ao que insiste, que encontra no próximo artigo uma outra encarnação – a do graffiti que, nos muros da

cidade, também nos exorta a olhar e ver o que não está nos mapas da representação.

Em "Olhar dos muros da cidade", a voz muito pessoal de Bianca Fazioni, sob orientação de Valdir Prigol, da Universidade Federal da Fronteira Sul, propõe uma cartografia discursiva do infraordinário, convidando-nos a olhar e ver o que o cotidiano neoliberal torna invisível. A pichação, essa inscrição urbana que interpela o transeunte, é mapeada em um "Atlas do olhar", chamando atenção ao que, por sua insignificância, se revela politicamente atuante. A cidade é viva e os muros falam: o graffiti é sua voz que discretamente nos exorta a *olhar* a partir dos muros da cidade.

Do graffiti para os quadrinhos, em "Sobre mulheres e porcos", Mariana Soares dos Santos, sob orientação de João de Deus Leite, da Universidade Federal do Norte do Tocantins, cruza violência de gênero e discurso religioso, na leitura de um trecho da obra *Lavagem*, de Shiko, analisando a opacidade das relações de poder que violam o corpo feminino até pela imaginação. A fantasia masculina que violenta a esposa é lida como sintoma de uma ordem patriarcal que confina, silencia e controla – e a HQ se afirma como espaço de denúncia.

Violência simbólica, violência de gênero, violência masculina sobre corpos femininos, é também o tema em "O corpo-adolescente em trânsito", de Maria Simone Schwengber e Taíse Possani. Nele as professoras da Universidade Federal do Noroeste do Rio Grande do Sul traduzem as violências no processo de tornar-se mulher numa leitura do conto "Preciosidade", de Clarice Lispector. Um corpo feminino em transformação já é marcado por experiências dolorosas de violência: a imposição de padrões estéticos, a limitação da liberdade de circulação, a instalação do medo e o abuso ele mesmo. O alargamento da consciência de si, porém, pode tornar-se estratégia de vida, regime de proteção contra a violação da intimidade. "Entre o felino e o feminino" confirma a biopotência do feminino como agente central da crítica e da transformação contra a univocidade autoritária do mundo patriarcal. O professor Luis Eustáquio Soares, da Universidade Federal do Espírito Santo, coordena o trabalho de Caio Passamani, doutorando na instituição, e Soriba Diakhaby, pesquisador de origem senegalesa, que faz doutorado na Universidade Laval em cotutela com a UnB. Os autores desdobram a crítica alegórica contida em *A confissão da leoa*, de Mia Couto, representando o regime de denúncia da condição feminina sob a tirania masculina, à luz da colonialidade.

Identificando a agência autoritária do patriarcado e a hegemonia masculina também em tradições populares, o artigo "Tecelãs de versos" nos apresenta duas cordelista negras sergipanas, Izabel Nascimento e Daniela Bento, ressignificando o gênero literário, transformando o verso em um território de alteridade e resistência política. Rose Bonifácio e Renata Malta, professora e pesquisadora da Universidade Federal de Sergipe, mostram como a memória ancestral e a escrita orgânica emergem de cartas e retalhos de tecido, em movimentos de insubordinação e de reivindicação femininas. Confirmando a transversalidade, a pertinência e a emergência do conceito feminista indígena *eu-nós*, da pesquisadora macuxi Julie Trudruá Dorrico (2017), também o artigo "Uma mirada nas 'Mulheres do Quilombo'", de Ana Paula Alba Wildt, da Federal do Rio Grande, e Maiara Bernardes Marques, da Universidade do Tocantins, nos faz escutar a voz coletiva de lideranças femininas na luta por direitos, guardiãs de saberes tradicionais. O documentário de suas narrativas é também um arquivo de memórias e territorialidades, que torna visível o que as hegemonias políticas procuram apagar.

Em "A linguagem da força, do heroísmo e do pertencimento" Dulcineia Alves dos Santos, da Universidade de Gênova, Itália, reexamina a construção discursiva do

sertanejo numa obra canônica da literatura brasileira, *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Simultaneamente marginal, na história da república, mas central na constituição simbólica da identidade nacional, o sertanejo é analisado a partir das escolhas lexicais e das estruturas metafóricas euclidianas, numa leitura estilística que permite questionar: de quem é o poder de falar? e em nome de quem? reverberando questões que atravessam toda esta edição da **fólio**.

Fechando o **DOSSIÊ** com a circularidade que o define, "Seres invisíveis visíveis", de Gracineia dos Santos Araújo e Daniel Guillermo Gordillo Sánchez, aborda tradições orais amazônicas por meio do livro *Histórias de Curupira*, do jovem escritor paraense Paulo Maués Corrêa. Neste artigo final, o Curupira, um mito da floresta que sobrevive à demonização colonial, é resgatado como figura de resistência e proteção, assim como as vozes que emergem de todos os textos que o antecedem: um inabarcável *eu-nós* de vozes indígenas, negras, quilombolas, lésbicas, trans, periféricas, loucas. A seção temática que buscava o outro, começa e termina na Amazônia, percorrendo um arco que não é acidental. Do assédio na rua ao confinamento manicomial, do estatuto de esterilidade à metamorfose perpétua, da imunda fantasia dos porcos às epístolas da leoa ancestral, entre tantos eixos e rupturas, retornamos à grande floresta, este símbolo máximo de resistência e permanência, para nos depararmos com o Curupira. Depois do longo périplo, chegamos ao monstro temido dos forasteiros, talvez porque esta seja sua astúcia: enquanto pensamos ir na direção oposta suas pegadas invertidas nos levam distraídos pelo medo ao seu encalço fatal.

Permanências

Eis que atravessamos fantasmagorias soturnas sob os coturnos do poder e da força. Eis que revoadas de vozes aladas na matinal persistência em dedos de rosa nos atravessaram até aqui. Todos os mundos possíveis abertos pela potência orgânica de corpos historicamente emparedados, mas que se reafirmam e se reinscrevem por intermédio de todas as artes e todas as *media*, inclusive esta, ao tomarmos politicamente também a comunicação acadêmica qualificada como *medium* de transformação cultural. Restaurando acervos bibliotecais sem edifício, saguão ou prateleiras, recuperando os arquivos da oralidade em oraturas da floresta e da cidade, desfazer a demonização do mito corresponde à despatologização das identidades dissidentes pela reinscrição subjetiva e coletiva, que percorre todo o Dossiê.

O que reúne todos esses textos, para além da diversidade de objetos e abordagens, é uma aposta comum: a de que a arte e a literatura – em suas múltiplas formas e suportes – são territórios de resistência e de reinvenção. Da poesia indígena à dramaturgia da precariedade, da dança de salão ao graffiti urbano, do cordel ao documentário, da HQ à autoficção, está em jogo a luta pela palavra, pelo corpo, pela memória – o direito de nomear o mundo e de ser nomeado nele, e de que no mundo caibam todos os mundos possíveis. O Dossiê, assim, se constitui como um arquivo de (re)existências, um espaço onde as vozes que emergem das margens – das florestas, dos quilombos, das periferias urbanas, dos confinamentos psiquiátricos, das bibliotecas e dos muros – se encontram para afirmar que é possível reformular as formas de existir no mundo.

Por fim, chegamos ao início. Na foto da capa, a jovem Laila Maíra Tupinambá, pelas lentes de Micael Aquillah. Na seção **práticas de invenção**, a exposição fotográfica de Micael abre a edição. Com o trabalho de Micael Luz Amaral, cognominado Aquillah, este Editorial chega ao seu ponto mais alto: *finis coronat opus*. Circularmente.

A antologia fotográfica *Permanência* celebra a posse definitiva do povo Tupinambá sobre seu território ancestral. Visitando regularmente o território desde 2017, o comprometimento e o envolvimento do fotógrafo são componentes éticos decisivos para o efeito estético das imagens que capta e recria, conferindo profundidade que não só as lentes são capazes de gravar. Uma pedagogia da confiança longamente construída está na raiz dos efeitos que florescem nestas imagens de verdade e libertação. As fotografias de Aquillah na Comunidade Tukum, em Ilhéus, Bahia, não são apenas registros documentais, são vestígios de memória e territorialidade que transcendem o instante. Mesmo assim elas documentam e celebram a homologação definitiva do Território Tupinambá de Olivença, em novembro de 2025, encerrando um ciclo de cinco séculos de luta. O fim coroa a obra: o desfecho almejado é a abertura de um novo tempo. Se pudéssemos virar a página, seria para esta nova página que esta apresentação deveria conduzir: a antologia *Permanência*, onde a terra, o corpo e a imagem afirmam a possibilidade de todos os mundos.

REFERÊNCIAS

- BARBOZA, Ádrian Ferreira; LIMA, Marcus Antônio Assis; PEREIRA, André Luiz Mitidieri. A Neca de Amara Moira: uma voz Pajubeyra. **fólio - revista de letras**, v.15, n.2, p.24-44, 2024. DOI: <https://doi.org/10.22481/folio.v15i2.15314>. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/folio/article/view/15287>. Acesso em: 29 jul. 2026.
- DORRICO, Julie. A oralidade no impresso: o 'eu-nós lírico-político' da literatura indígena contemporânea. **Revista Boitatá**, n.24, p.216-233, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5433/boitata.2017v12.e32958>. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/boitata/article/view/32958>. Acesso em: 29 jul. 2026.
- JACOB, Livia Penedo; SOUZA, Roberto Acízelo de. História da Literatura Brasileira: do princípio ao precipício. **fólio - revista de letras**, v.16, n.1, p.78-88, 2025. DOI: <https://doi.org/10.22481/folio.v16i1.18174>. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/folio/article/view/18174>. Acesso em: 9 jul. 2026.
- LIMA, Marcus Antônio Assis; VALLE, Ricardo Martins. Voz identidade. **fólio - revista de letras**, v.15, n.2, p.1-11, 2024. DOI: <https://doi.org/10.22481/folio.v15i2.15738>. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/folio/article/view/15279>. Acesso em: 29 jul. 2026.
- MASSUNO, Tatiana de Freitas. Queerificando a natureza: entre Frankenstein e Frankissstein. **fólio - revista de letras**, v.15, n.1, p.7-22, 2024. DOI: <https://doi.org/10.22481/folio.v15i1.11733>. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/folio/article/view/15278>. Acesso em: 19 jul. 2026.
- SOUTO, Andreia Miranda; ALBUQUERQUE, Iara Cerqueira Linhares de. O ethos de Anais Nin: a escrita de si entre verdade e ficção. **fólio - revista de letras**, v.16, n.2, p.213-226, 2025. DOI: <https://doi.org/10.22481/folio.v16i2.18150>. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/folio/article/view/18150>. Acesso em: 29 jul. 2026.